

Economia do Brasil está protegida, afirma o FMI

economia - Brasil

Robinson Borges
De São Paulo

A alta da taxa de juros promovida ontem pelo Federal Reserve (Fed, o Banco Central americano) de 1% para 1,25% deve ter influência negativa mínima na economia brasileira. A avaliação é do economista-chefe do Fundo Monetário Internacional (FMI), Raghuram G. Rajan, em entrevista ao Valor, por telefone, de Washington.

Segundo Rajan, a economia do Brasil está razoavelmente protegida por dois aspectos principais: os sinais de crescimento e as reformas estruturais. O economista-chefe também considera positiva a estabilização econômica, legado deixado pelo Plano Real, que completa dez anos hoje.

Rajan diz, entretanto, que a flexibilização da economia é um objetivo a perseguir para que o país cresça de forma sustentável. E o governo brasileiro está no caminho certo para isso, apesar de ter de tomar medidas impopulares.

O economista também avalia que o sistema de meta de inflação adotado pelo BC não corre sérios riscos, mesmo que ela não seja atingida. A credibilidade do sistema só ficaria comprometida se ele for visto como um método que determina um índice a ser alcançado sem ter também a obrigação de informar as razões pelas quais a meta não foi alcançada. Mas falta de transparência não é um problema do BC do Brasil, segundo Rajan.

Em sua avaliação, o baixo volume de investimento direto estrangeiro no país não deve ter vida longa. Para ele, desde que os fundamentos da economia estejam encaminhados, as oportunidades voltarão. O economista não quis falar sobre a Argenti-

na porque o país negocia com o FMI a revisão de seu acordo, e também se recusou a responder perguntas sobre qual será o futuro do Brasil após o fim do acordo do país com o Fundo no início de 2005.

Leia a seguir os principais trechos da entrevista.

Valor: Qual o impacto que o aumento da taxa de juro dos EUA terá sobre a economia brasileira?

Raghuram G. Rajan: A alta da taxa de juro terá um certo impacto mas não será dramático. Isso porque ela aumentou como resultado da economia americana, que está indo bem. A taxa de juro estava num nível baixo para estimular a economia. Era a hora, portanto, para o Fed mudar a taxa. Mas o crescimento econômico não é restrito aos Estados Unidos. O resto do mundo também começou a ter sua economia aquecida, até o Brasil, que apresenta bons sinais de crescimento.

Na perspectiva dos emergentes, alguns países fizeram muito para melhorar sua estrutura econômica para se tornar um pouco menos exposto. O Brasil tem feito muito neste sentido.

Valor: O Plano Real completa dez anos. Quando foi implantado houve uma rejeição ao programa por parte do FMI. Como o sr. avalia a reforma monetária ao longo destes anos?

Rajan: A estabilização das moedas foi importante elemento para estabilização da América Latina na metade dos anos 90. Neste período foi realizada uma melhora tremenda na política monetária. Manter essa estabilização a uma taxa razoavelmente baixa é um bom resultado. Há um grande mérito nesta política monetária. Quanto ao FMI não aprovar o Plano Real, não tenho detalhes.

Valor: O que pode ser feito para que a estabilização perdure?

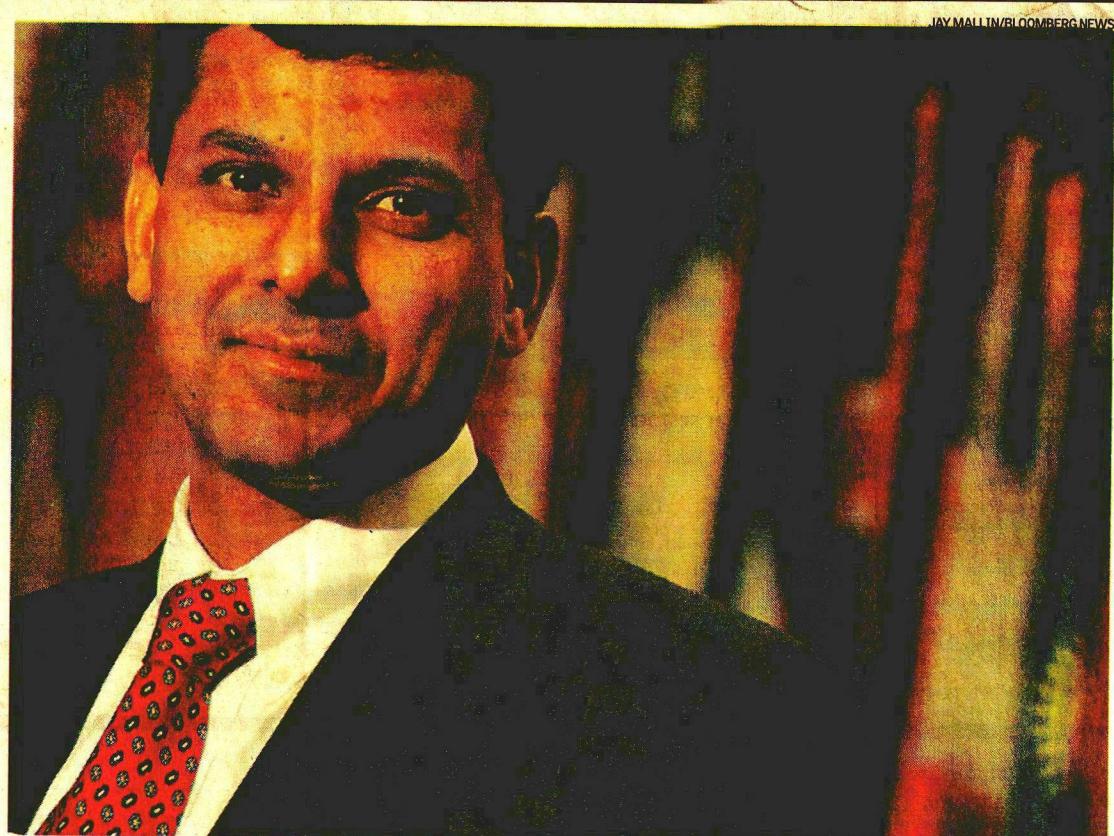
Rajan: A política econômica atual é apropriada, pois há um foco na reforma estrutural. Ao se atingir uma economia mais flexível o país terá como impacto positivo elementos para enfrentar os desafios da competição global. O processo de ajustes tem de ser feito agora. Mas, enquanto isso, não se pode negligenciar os problemas sociais e o desemprego.

Valor: O Brasil segue as orientações do FMI para sua política monetária: inflação em um dígito e superávit primário positivo. O sr. acha que esses instrumentos são suficientes para retomada do crescimento. Há muitas críticas de que estes métodos são muito rígidos e podem comprometer o crescimento. O sr. concorda?

Rajan: Quando falo sobre flexibilidade, me refiro a flexibilidades estruturais, como a do mercado de trabalho. No Brasil o governo está trabalhando, por exemplo, para reduzir os impedimentos para se abrir novos negócios. É uma política necessária permitir que haja condições de começar negócios sem levar meses enfrentando dificuldades para fazê-lo. Acho também que se se mudar o acesso ao financiamento e ao crédito será uma contribuição para o país entrar numa rota adequada de crescimento. Desta forma, o Brasil será muito mais competitivo.

Valor: O sr. não concorda com a avaliação de que as orientações do FMI tenham um impacto negativo no crescimento brasileiro?

Rajan: O problema com a América Latina é seu histórico de crescimento não-sustentável. Todas as pesquisas recentes feitas aqui e em outros organismos mostram que parte do problema da sustentabilidade é ter políticas de sustentação e instituições que mantenham esta sustentabilidade. Se não houver uma base, esses



Rajan, economista-chefe do FMI: "A política econômica atual é apropriada, pois há um foco na reforma estrutural"

momentos de crescimento acabam. O problema não é falta de crescimento, mas falta de sustentabilidade. Se pensarmos no que o governo está fazendo agora, vemos que ele caminha para o crescimento sustentável. No curto prazo a credibilidade da taxa de inflação e a reforma fiscal, por exemplo, podem testar a paciência das pessoas. No entanto, no longo-prazo, essas medidas farão com que o Brasil tenha um crescimento mais sustentável.

Valor: Como o sr. avalia a atuação do BC e suas metas de inflação?

Rajan: A meta de inflação é um sistema que determina um índice específico. Mas também é um sistema de transparência que permite que as pessoas compreendam o que o BC está tentando fazer. E o BC diz o que fez e o que pretende fazer, bem como suas razões. Não temos de pensar, portanto, nos motivos que nos levaram a não cumprir a meta, mas nas razões pelas quais as taxas da inflação foram desviadas de sua meta. Por exemplo, se você tem aumento do petróleo, isso vai influenciar na taxa de inflação. A meta de inflação não é tão

rígida. O sistema diz que quando há um desvio a população deve saber os motivos disso.

Valor: Por que o Brasil não atrai investimento direto estrangeiro, mesmo com a economia aquecida?

Rajan: Desde que os fundamentos da economia estejam encaminhados, as oportunidades voltarão. O Brasil é um mercado enorme e é inaceitável de que ele fique fora dos olhos dos investidores para sempre. Minha avaliação é que é um problema de tempo e que o governo está na direção correta.

Valor: O acordo do FMI com o Brasil termina no início de 2005. O sr. acha que o país está pronto para se manter sem o apoio do FMI?

Rajan: Esse é um assunto que não quero comentar agora.

Valor: Qual sua avaliação sobre o projeto piloto que prevê a exclusão de gastos de investimento dos cálculos do superávit primário?

Rajan: É uma discussão longa e não gostaria de comentá-la.

Valor: Quais são suas preocupações para a economia global?

Rajan: Vivemos bons tempos. Muitos países estão crescendo. Claro que há senões, como o au-

mento das taxas de juros, mas, de novo, é porque a economia está melhor. Enquanto temos de ser previdos para não ficarmos exuberantes em demasia, temos de entender que este é um bom período para fazer reformas estruturais. Quando há crescimento, as coisas ficam fáceis para se implementar reformas.

Valor: O sr. defende em seu último livro "Salvando o Capitalismo dos Capitalistas" (Editora Campus) que para o livre mercado funcionar bem são necessárias regras e instituições.

Rajan: O ideal do livre mercado é que temos de atingir exige uma série de regras que aumentem o acesso das pessoas — todos deveriam ter acesso a ele, mas o mercado é restrito a poucos. Deve haver também regras para a competição. Isso porque é ela que permite que o mercado funcione adequadamente.

Valor: Qual o nível do livre mercado no Brasil?

Rajan: Um dos problemas é o nível da competição interna e externa. O nível de acesso das pessoas à educação e ao financiamento também foi limitado no passado.